

## CAPÍTULO 01

### **SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL – SINTRACONST:** *TRAJETÓRIA, REDES E PODER SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO*<sup>1</sup>

**Noëlle da Silva**<sup>2</sup>  
**Fernando Alves Reisen**<sup>3</sup>  
**Márcia Prezotti Palassi**<sup>4</sup>

**Resumo:** As transformações no mundo do trabalho, ocorridas no Brasil, têm pressionado os sindicatos a reconfigurar suas estratégias para defesa dos interesses dos trabalhadores. Este artigo apresenta o discurso do SINTRACONST sobre sua trajetória, redes e poder. Trata-se de resultados parciais de uma pesquisa qualitativa em andamento, com entrevistas em profundidade, com cinco sujeitos indicados pelo sindicato, cujos resultados foram submetidos ao método de análise do discurso do sujeito coletivo. Por meio do discurso deste sujeito coletivo apresenta-se um mapeamento dos principais traços identitários, trajetória política, objetivos, desafios e estratégias de atuação, perfil histórico, sócio-econômico, associativo e de participação política. O confronto dos dados da literatura, com documentos e as entrevistas, apontam que após 1995, configuram-se dois momentos para o sindicato: 1. no final da década de 1990, o desemprego e a crise do plano real dificultaram a eficácia política do sindicato e a mobilização dos trabalhadores e; 2. a partir de 2000 o sindicato consegue sair da crise provocada na década anterior devido ao crescimento da construção civil no Espírito Santo. Conclui-se que este sindicato vive um momento de crescimento das taxas de filiação, porém sem apontar influência nas decisões do governo do estado em seu discurso.

---

<sup>1</sup> Agradecemos a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Antonia Colbari pela leitura do texto e sugestões de aperfeiçoamento. No entanto, esclarecimentos provocados pelos questionamentos dos leitores, caso venham a ocorrer, são obviamente, de nossa inteira responsabilidade.

<sup>2</sup> Graduanda em Ciências Sociais, voluntária de iniciação científica do Laboratório de Estudos Políticos – LEP / Núcleo de Pesquisa em Ciências Sociais – NEPCS-UFES

<sup>3</sup> Graduando em Ciências Sociais, pela UFES, voluntário de iniciação Científica do LEP-NEPCS-UFES

<sup>4</sup> Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP, professora do Departamento de Administração CCJE-UFES, pesquisadora do LEP-NEPCS-UFES e coordenadora do Observatório de Políticas e Práticas Participativas, vinculado ao Núcleo de Estudos em Tecnologias de Gestão e Subjetividades OPPP-NETES-UFES

**Palavras-chave:** Democracia, Representação, Participação, Espírito Santo, SINTRACONST

## 1. **Introdução**

O problema que se coloca nesta pesquisa refere-se à inteligibilidade das relações entre os sujeitos coletivos na sociedade contemporânea capixaba, visto que a ciência política atualmente tem chamado atenção para o papel das lideranças políticas, sociais e institucionais, que, dispondo de diferentes recursos de poder intelectual, monetário, institucional, simbólico, eleitoral dentre outros, podem influenciar diferentes processos decisórios em múltiplas arenas (URBINATI, 2006; COSTA, 2002). Dessa forma, o conhecimento sobre como as práticas dos sujeitos coletivos interferem nas decisões dos governos estaduais é relevante para conhecer o processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento da democracia.

O sujeito coletivo, ao mesmo tempo que sinaliza a presença de um sujeito individual do discurso, expressa também uma referência coletiva quando este sujeito singular fala *pela* ou *em nome* de uma coletividade, expressando o pensamento do sujeito coletivo, ou seja, um pensamento social. O pensamento coletivo se configura então, como um idioma que viabiliza e permite a troca entre indivíduos distintos de uma mesma cultura, o qual é obtido individualmente, por abstração, com base em um conjunto de falas individuais de sentido semelhante ou complementar, visando expressar e representar um pensamento coletivo. Sendo assim, o pensamento coletivo pode ser traduzido como um conjunto de discursos sobre um tema, o qual dá luz ao conjunto de individualidades semânticas componentes do imaginário social . Sintetizando, o discurso do sujeito coletivo, é uma maneira de fazer a coletividade falar diretamente (LEFRÈVE, F; LEFRÈVE, A.M.C., 2005). Para isso é necessário adotar uma metodologia de pesquisa que permita a construção do discurso do sujeito coletivo. O conceito de *discurso* do sujeito coletivo refere-se a “uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas semanais, cartas, *papers*, revistas especializadas, etc.” (LEFRÈVE, F; LEFRÈVE, A.M.C., 2005, p.15).

Sendo assim, apresentamos este artigo, que faz parte de uma pesquisa em andamento, cujo objetivo principal é “conhecer o potencial de algumas instituições no Espírito Santo para produção de coalizões políticas e a natureza dessas coalizões, bem como suas ações e estratégias para sustentação do poder político

estadual.” (Projeto FACITEC, 2008-2009)<sup>5</sup>. A pesquisa contempla dois objetivos específicos: 1) mapear os principais traços identitários, trajetórias políticas, objetivos e estratégias de atuação das instituições selecionadas e; 2) identificar como se constituem as redes de articulação dessas instituições entre si, assim como os vínculos e articulações que elas estabelecem com o poder político e a burocracia pública estadual (Projeto FACITEC, 2008-2010). Para atingir os objetivos, a pesquisa abordou catorze instituições representativas da sociedade civil capixaba, sendo uma delas o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil – SINTRACONST. Este artigo se restringe a apresentar resultados parciais da pesquisa colocando o foco no discurso deste sujeito coletivo produzido até o momento.

A escolha deste sindicato baseia-se na expressividade de sua existência na sociedade capixaba, bem como por ter ser um sindicato de um setor que se encontra em expansão no Estado do Espírito Santo, que é o setor da construção civil. Compreender o discurso deste sujeito coletivo sobre sua trajetória, redes e poder, torna-se relevante para a compreensão de sua participação no processo de alargamento da democracia no estado do Espírito Santo a partir de 1995 e como ele interfere nas decisões do governo do Estado.

## **1.2 Revisão de Literatura**

A abertura comercial realizada no Brasil no início de 1990 e a “mundialização” das empresas são processos apontados por Mazzei (2009) como elementos que colaboraram para a reconfiguração do mundo do trabalho no Brasil, pois adotaram inovações e novas práticas gerenciais atrelada a novas formas de remuneração variável, flexível e de participação nos lucros e resultados. Ramalho (1997, p. 85), aponta que “o processo de reestruturação produtiva no Brasil repete outras experiências do mundo industrializado no que se refere aos modos de intensificação e exploração do trabalho e à redução de direitos conquistados pelos trabalhadores ao longo do século”. As mudanças no mundo do trabalho contemporâneo e o processo de reorganização da produção promovido nas últimas décadas impuseram desafios para os sindicatos, colaborando para a desorganização coletiva dos

---

<sup>5</sup> As autoras agradecem ao Fundo de Apoio à Ciência e Tecnologia do Município de Vitória - FACITEC da Prefeitura Municipal de Vitória pelo apoio financeiro à pesquisa.

trabalhadores, alterando significativamente a correlação de forças entre capital e trabalho (RODRIGUES, 1999).

Antunes (2003), afirma que essas mudanças alteraram a classe trabalhadora, tornando-a mais heterogênea, fragmentada e complexa, afetando intensamente os sindicatos, principalmente nas décadas de 1980 e 1990. A instabilidade no emprego, o rebaixamento salarial e a expressiva concentração de renda no Brasil nos anos 1990, induziram os sindicatos a limitar seus esforços e a tentar garantir o direito ao trabalho, reajustes salariais e a manutenção de direitos sociais elementares (ANTUNES, 2003). Os temas centrais da pauta sindical passaram a ser a defesa do emprego, a participação nos lucros e resultados, a flexibilização da jornada de trabalho, a formação do banco de horas, as mudanças na gestão e organização do trabalho, que Antunes (1995) denomina de agenda neoliberal. Esta agenda, segundo Rodrigues (1999), também está presente nas negociações coletivas promovidas pelos sindicatos vinculados à Central Única dos Trabalhadores – CUT, cujo SINTRACONST faz parte. Colbari (1999, p.169), cita os efeitos da reestruturação no SINTRACONST:

Entre algumas categorias profissionais urbanas os efeitos da reestruturação foram devastadores. Um dos sindicatos históricos na renovação sindical no Espírito Santo - o dos trabalhadores da construção civil - tem sido fortemente atingido pela terceirização. Estima-se que mais de 50% dos trabalhadores estejam terceirizados sem carteira assinada.

Estas mudanças acarretaram ainda alterações nas negociações coletivas. Antunes (2003) considera que a cultura de negociação gerada pela agenda neoliberal de negociação coletiva contribuiu para a perda de combatividade por parte dos sindicatos. No entanto, no Espírito Santo, segundo Colbari (1999), esta cultura foi primordial para a sobrevivência dos sindicatos frente aos novos modelos de gestão e acenos para a participação, revelando-se mais sedutores que o discurso sindical anterior carente de culturas de negociação e de proposições.

Esta conjuntura fez também com que os sindicatos investissem na capacitação técnica e política de seu quadro, estabelecendo vínculos com diferentes entidades da sociedade civil (COLBARI, 2003). Como exemplo, pode-se citar o SINTRACONST que em 1996, por meio de um convênio de qualificação profissional

firmado com a Escola Técnica Federal no Espírito Santo, tornou-se o primeiro sindicato a se engajar na proposta de qualificação profissional (COLBARI, 2003). O movimento sindical no Espírito Santo apropriou-se então da qualificação, tema central do discurso de flexibilização das relações de trabalho, direcionando ações principalmente aos desempregados, mobilizando-os para a participação e cidadania ativa, atribuindo-lhe um caráter politicamente pedagógico (COLBARI, 1999), imprescindível a uma atuação mais propositiva que reativa dos sindicatos.

### 1.3 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e documental realizada entre março/ 2008 e novembro/2009. Os documentos analisados são o histórico do SINTRACONST, o *site* e os jornais do sindicato, o estatuto, os acordos coletivos, etc. Os dados desses documentos foram confrontados com os dados das entrevistas em profundidade realizadas com os cinco atores considerados mais representativos do sindicato indicados por ele. Estas tiveram por finalidade extrair o depoimento dos atores autorizados a falar pelo sindicato, tendo em vista que nosso objetivo visa obter o discurso do sujeito coletivo, ou seja, o discurso institucional.

O roteiro de entrevista contempla a percepção dos sujeitos sobre a razão de ser do sindicato (características que o especificam em relação aos demais sindicatos, objetivos, políticas e estratégias adotadas a partir de 1995); os valores éticos e políticos que norteiam a conduta de seus membros no que diz respeito à normatividade democrática (circulação interna de informação, participação dos associados ou das bases na formulação de políticas e estratégias, mecanismos internos de controle e sanção, concepção de improbidade administrativa, etc.); bem como a pré-disposição ou indisposição para estabelecer parceria com as instituições citadas na entrevista pelos pesquisadores, para a concretização de determinados fins. Os dados daí extraídos foram organizados por meio do método de pesquisa qualitativa chamado Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), conforme consta no item sobre metodologia do presente Relatório de Pesquisa.

## 1.4 Resultados

O SINTRACONST foi constituído para defesa, proteção e representação dos trabalhadores empregados na indústria da construção civil, montagem, estrada, ponte, pavimentação e terraplanagem (Estatuto, 1995). O sindicato abrange os municípios de Vitória, Vila Velha, Cariacica, Viana, Serra, Guarapari, Aracruz, Fundão, Ibirapu e João Neiva. Até outubro de 2008, o sindicato possuía 17.000 filiados.

Fundado na década de 1950, o SINTRACONST tem sua origem em uma associação de pedreiros, que se reuniam para reivindicar alimentação no canteiro de obras. Durante o governo de Getúlio Vargas, com a carta sindical, o sindicato foi registrado oficialmente no Estado. O SINTRACONST possui o mesmo Estatuto desde 1995<sup>6</sup> e é dirigido por uma equipe composta pela presidência, vinte e quatro diretores designados através de processo eleitoral, além de seis secretarias: Secretaria Geral, Secretaria de Finanças, Secretaria Jurídica, Secretaria de Saúde e Segurança, Secretaria de Formação e Política Sindical e a Secretaria de Imprensa e Comunicação.

A trajetória política dos entrevistados é distinta. Antes de atuar na direção do sindicato, três, dos cinco entrevistados, participaram de movimentos da igreja católica, por meio das comunidades eclesiais de base – CEB's. Dentre estes, dois atuaram também na iniciativa privada. Um entrevistado participou do movimento sindical trabalhista, além de atuar também na política-partidária e o outro entrevistado se inseriu no sindicato após ser admitido na construção civil.

### 1.4.1 Traços Identitários do SINTRACONST

A seguir apresentam-se os traços identitários do sindicato, ou seja, as características que o particularizam em relação a suas congêneres. Dentre os principais traços identitários, observa-se no discurso do sujeito coletivo, que o sindicato considera-se dinâmico, informal e permanente no que tange à linha de conduta dos dirigentes em cada gestão:

---

<sup>6</sup> Em 2009 o SINTRACONST passou por uma reforma estatutária.

[O SINTRACONST] é extremamente dinâmico, a gente não tem rotina, é uma categoria, e aí, o sindicato, eu acho que é muito humilde. Toda direção aqui é composta por trabalhadores que vem das obras, né? Então assim ele tem aquelas características muito peculiares da obra, né? A questão da pouca escolaridade, muitos vem pra cá com pouquíssima escolaridade, então quando chega aqui vai se aperfeiçoando pra atender a demanda que eles são inseridos, né? Se você conversar com toda a diretoria eles são exatamente desse jeito, eles sentam, brincam, não tem essa questão da hierarquia aqui dentro, é muito tranquilo nosso relacionamento. As pessoas, assim, a gente percebe que do sindicato para a base, muitos trabalhadores tem exatamente essa afinidade, qualquer pessoa que chega aqui é atendido, conversa tanto com o presidente quanto com o advogado, então assim é uma relação muito próxima de todo mundo, ta? A linha de pensamento que esse sindicato teve nos anos 80 até agora não saiu da linha de conduta dos dirigentes, muda de dirigente, mas a linha continua sempre a mesma. Primeiro; defesa árdua dos trabalhadores... nos orgulhamos dessa questão que nós temos, e da honestidade. (DSC: entrevistas realizadas entre setembro 2008 e abril 2009).

O SINTRACONST se define como um sindicato combativo, dotado de uma postura firme frente às negociações, sendo respeitado pelo empresariado do setor no estado. Afirma se diferenciar dos outros sindicatos por reconhecer a necessidade de estar próximo da base. Além disso, o SINTRACONST atua como representante dos trabalhadores na política, pois está inserido em diversos pólos de discussão em nível social e econômico, principalmente no que diz respeito à classe trabalhadora como um todo. O sindicato se vê como um sindicato reconhecido internacionalmente, sendo referência em alguns países da América Latina e Europa, pelo modo como atua e representa os trabalhadores da sua categoria.

O SINTRACONST é um dos grandes defensores dos trabalhadores, do Brasil e do mundo. É um ator social, assim, que ele envolvido em vários fóruns, a gente discute tanto questão de qualificação profissional, nos fóruns das comissões municipais de emprego, como a gente discute sobre a questão do crescimento econômico e a distribuição de renda, no IEMA a questão do meio ambiente, nesse mesmo tempo a gente tá nos obras discutindo coisas... O sindicato é pra discutir as questões salariais, mas é pra discutir também o todo do trabalhador, é pra pensar assim oh: é... qualidade de vida pra esse trabalhador que vai envolver o meio ambiente, habitação, geração de emprego e renda, escolarização. [Além disso] O sindicato hoje ele tem uma identidade reconhecida, ele é um sindicato

que é reconhecido, estadualmente, nacionalmente e [em] algumas partes do mundo. Por exemplo, o nosso sindicato hoje já é referência em algumas partes do mundo, como Argentina, como Peru, Venezuela, no Chile, em outros países, Alemanha, nós tivemos contato, tivemos uma visita lá, fomos convidados, né? O SINTRACONST é um sindicato com muita referência, é um sindicato de luta, porque sabe que aonde tem um dirigente desse sindicato, esses trabalhadores vêm e reconhecem, então pra gente isso é muito importante, né? Essa questão, essa marca. (DSC: entrevistas realizadas entre setembro 2008 e abril 2009).

Em relação aos objetivos do sindicato, pode-se verificar em seu discurso que os principais objetivos, de caráter permanente, sua missão e razão de existir, referem-se a melhorias das condições de vida e de trabalho e a conquista de benefícios para a categoria. O SINTRACONST tem ainda como principal finalidade defender os direitos coletivos e individuais dos membros da categoria, lutar pela construção da liberdade e da autonomia da representação sindical e defender a sociedade democrática (Estatuto, 1995). Dentre os principais objetivos se destacam: a aposentadoria especial, o vale transporte gratuito e a alimentação no canteiro de obras.

Temos dois [grandes projetos] no congresso nacional promovido pelo nosso sindicato, um foi o projeto de alimentação, esperamos que um dia ele seja votado e que seja implementado. O objetivo desse projeto ele é fazer com que todo trabalhador, no canteiro de obras, ele tenha alimentação (...) a gente acha inadmissível um trabalhador em 2008 não ter direito a um marmiteira no canteiro de obras, tá? [O outro projeto é o], de aposentadoria especial, e por que a necessidade do projeto? Porque hoje, na verdade o trabalhador da construção civil, ele aposenta, ou é por idade, ou é por invalidez. Dificilmente o trabalhador da construção civil, consegue aposentar por tempo de serviço. Então aí, a maior preocupação do sindicato é fazer com que o trabalhador, ele tenha, na verdade, um tempo hábil, pra que ele possa se aposentar e gozar daquela aposentadoria dele. Hoje se você for observar o trabalhador com 25 anos de trabalho [e] olhar a fisionomia desse trabalhador, ele está acabado, está abatido, porque o esforço físico dele é muito grande, é muito forte. Hoje a média de idade do trabalhador da construção civil, está em torno de 35, 40 anos no máximo, média de idade. [Além disso] nesse ano, na campanha salarial, nossa reivindicação na convenção é a gratuidade do vale transporte, porque os trabalhadores eles [custeiam] o percentual do vale do transporte, mas nós queremos que esse [vale transporte] seja gratuito pra todos os trabalhadores. (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

#### **1.4.2 Trajetória do SINTRACONST**

Nesta parte, apresenta-se a trajetória recente do sindicato, após a década de 1990. Com a crise do plano real e do desemprego, o sindicato enfrentou a sua pior crise.

Nós tivemos aí durante o final dos anos 1990 algumas dificuldades, perdemos algumas conquistas, as assembleias esvaziaram, não tinha emprego. Foi um momento assim de enfrentamento em cima do movimento sindical, de que a greve era de baderneiro. Nós passamos um período muito ruim aqui no ES, nós passamos um momento meio que desesperador na construção civil, quando quebrou a Encol, começou a quebrar a Comeg, outras empresas de construção civil tiveram um baque, quebraram, aí o consumidor, os compradores de apartamento, de imóveis não acreditavam, mas compravam, a construção civil começou a vender bem menos, porque não tinha comprador, não tinha venda, num tinha trabalho aí nós ficamos numa situação muito ruim, o final de 1990 foi uma desgraça pra gente. Em 2001 esse sindicato aqui esteve pra fechar as portas, porque a gente não fechou acordo coletivo em 1997/1998 a gente não fechou convenção coletiva, e isso foi muito ruim pra gente, porque imagina todas as outras categorias recebendo reajuste, época de 1997 era aquela crise do plano

real, não tinha é... Assim, não tinha emprego, tinha uma fila enorme, então assim a rejeição do sindicato da construção civil foi muito grande, naquele período né? (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

Porém, posteriormente, há uma mudança desta conjuntura no final da década de 1990, tornando-se mais evidente nos primeiros anos do século XXI: [...] “verifica-se um processo de modernização acelerada que insere o Estado do Espírito Santo nos circuitos internacionalizados da economia, colocando-o no *ranking* dos Estados da Federação com um dos maiores índices de crescimento” [...] (ZORZAL E SILVA, 2003, p. 67). Devido a esse crescimento econômico no Estado, a construção civil ganhou um espaço importante, atrelado ainda, segundo o discurso do próprio sindicato, com a mudança no cenário político nacional, conferindo desse modo, algo peculiar ao SINTRACONST, em relação à suas congêneres.

A gente está na contramão da história, eu tenho certeza que o movimento sindical ele está enfraquecido, e aí é por várias questões, é por causa da diretoria que às vezes não tem a completa noção do papel deles dentro do sindicato, é porque a categoria, hoje a gente está num processo de terceirização num processo de fragmentação dos trabalhadores e que torna eles muito individuais. O SINTRACONST hoje, ele está na contramão da história mesmo, primeiro é por causa do aquecimento, né? É um momento único na história, porque é a primeira vez na história em que nós alteramos a questão da demanda e da oferta, da demanda, né? E da procura. Então hoje por quê que o sindicato ele está aquecido? Porque por exemplo, as empresas hoje ela não tem mão-de-obra qualificada, e não tem, tá? E todos os estados que você rodar, assim, não tem, as empresas precisam construir, tem prazo, é o momento que a classe trabalhadora e a demanda estão crescendo, é o momento que a classe trabalhadora e aí a construção civil, é o carro chefe disso, fala assim: Oh, a gente quer o vale transporte, você não vai dar não? Vamos parar, entendeu? E aí a gente pode parar, sabe por quê? Porque ele não vai conseguir contratar outro, a tal da...do exército de reserva ele não existe mais nesse período, ele está estagnado, não tem exército de reserva, que é o que...é a pólvora do capitalismo, né? Então é o nosso momento ímpar na história, então assim eu acho que a construção civil, por esses motivos ela se faz diferente. O ES começou a crescer, lá pro início de 2002, com a CST, aí logo mais na frente um cadinho a expansão da Aracruz Celulose a expansão da Samarco também no final dos anos 90 foi que deu uma, uma seguradinha nisso e no início de 2000 começou a crescer. E aí em 2002 a gente com a direção nova, aí veio o efeito Lula, que aí o efeito Lula foi um negócio

fantástico pra construção civil, foi o marco da transformação (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

### **1.4.3 Redes e Poder**

Neste tópico descrevem-se as principais políticas e objetivos do SINTRACONST presentes em seu discurso, a partir de 1995, bem como os espaços de atuação, com quem ele estabelece alianças e os principais desafios. De acordo com o discurso do sindicato, todas suas políticas e ações são desenvolvidas e realizadas pela presidência e as seis secretarias citadas anteriormente. As políticas, descritas no estatuto (1995), referem-se à manutenção de intercâmbio permanente com as demais categorias de trabalhadores visando consolidar a solidariedade de classe e com os trabalhadores em todo o mundo. Além disso, o sindicato desenvolve ações que estimulam a consciência crítica dos trabalhadores, através de atividades culturais, profissionais, comunicação social e de massas.

O sindicato é pra discutir as questões salariais, mas é pra discutir também o todo do trabalhador, é pra pensar assim oh: é... qualidade de vida pra esse trabalhador que vai envolver o meio ambiente, habitação, geração de emprego e renda, escolarização, então a gente trabalha e aí esse dinamismo a gente tem que dar conta de diversos assuntos que a gente está inserido em diversos pólos que vai discutir todas essas questões. Então, além de trabalhar as questões específicas é pensar na classe dos trabalhadores e aí a gente sempre define assim: quê que é a classe trabalhadora é pensar nas condições de vida, de saúde, de habitação é tudo que vai fazer pra ser benefício pro trabalhador, não só pra ele mas como pra família, pros filhos, pra esposa é pensar nessa rede mesmo, pensar a classe trabalhadora como um todo, que a gente sempre tem então não adianta resolver o problema da construção civil se o irmão dele trabalha por exemplo no comércio isso e aquilo, então a gente acha que tem que ser pensada as ações pra classe trabalhadora que vai decidir tanto na construção civil, como nos comerciários como os portuários, de uma forma geral. (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

Já em relação aos objetivos, o SINTRACONST a partir de 1995, atingiu conquistas importantes, por meio da convenção coletiva, como a obrigatoriedade de concessão do café da manhã, um piso salarial definido, vale transporte, uniforme e cesta básica para a categoria. Além disso, implantaram o projeto “Obra Segura e Saudável”, que

segundo um dos atores do sindicato, visa promover a noção e o conhecimento da função, de segurança e riscos no canteiro de obras para os trabalhadores, que é um dos temas presentes na agenda de discussão do SINTRACONST. O sindicato conta ainda, com o apoio da Delegacia de Acidentes de Trabalho, que os auxilia em caso de acidente com o trabalhador no canteiro de obras, fazendo com que a empresa cumpra as obrigações devidas. Desde 2002, o sindicato obteve um percentual 2% a 3% em todos os acordos salariais. E em maio de 2007, conquistaram a participação nos resultados – PR na convenção coletiva.

Nós convencionamos, que as empresas tinham que pagar a participação de resultados, né? Que é um lucro, é... um percentual que o trabalhador produziu a participação de resultados é um prêmio que é estipulado por lei desde 2000; os trabalhadores eles tem que ter um percentual pela produtividade dele na empresa, tem a PRL, que é a participação de lucros e resultados e tem a PR, participação de resultados porque na construção civil é resultados. As empresas de construção civil nenhuma é S/A, todas são Ltda, ou seja, em vários bancos elas não são obrigadas a colocar o quanto elas lucraram no ano. Então se a gente fecha um acordo em cima de participação dos lucros eles vêm que não vão pagar nada pra gente, porque todo dia o Sindicon fala que está com muita obra, mas no começo é muito barata, muito baixa, então não tem lucro, é o discurso deles. Então, a gente nunca conseguiu apurar, então nós fechamos a participação de resultados porque tem uma modalidade diferente de medir. (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

Outro assunto que tem sido muito discutido pelo SINTRACONST e atualmente tramita no Congresso Nacional, relevante não só para este sindicato, mas para todos em geral, é a reforma sindical. A direção do SINTRACONST aponta que tem acompanhado a discussão e é favorável à reforma, tendo sido um dos responsáveis no estado por debater o tema, até o momento. Alguns pontos da reforma são destacados no DSC:

Há a necessidade de fazer uma reforma sindical, ela é uma necessidade. A gente hoje vive aí com... com o movimento sindical, ele é estruturado quase com pé de barro (pés de barro). A nossa estrutura sindical hoje ela funciona mais ou menos assim, ela... ela é um tripé, aí ela faz... ela é um triângulo. Aqui em cima estão as CN, confederação nacional de trabalhadores “da vida” (CNTI, CNTC, CN “não sei o que”) Isso da estrutura, da estrutura oficial. Aqui em baixo vem (aqui em cima as confederações né), aqui vem as federações, aqui vêm os sindicatos, e aqui em

baixo vêm os trabalhadores. Essa, essa forma desse... dessa estrutura está equivocada. Por que, primeiro, que ela não tinha espaço para as centrais sindicais, que agora já tem. Que eu acho que começa por aqui, a gente precisava reforçar, fortalecer as centrais sindicais; ter o contrato coletivo de, o contrato nacional coletivo de trabalho. Porque tu fazia contratos mínimos pra todo o país. Porque o que, que justifica um pedreiro receber seiscentos, setecentos reais no Espírito Santo e receber mil no Rio, mil e duzentos em Santa Catarina, mil e quinhentos em Minas Gerais? Não tem lógica, não tem cabimento se o valor imóvel está globalizado por que a mão de obra tem que ser diferenciada? Então tem que ter as centrais sindicais como contrato nacional de trabalho que só vem com a reforma sindical. (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

Existe também, uma discussão, considerada central na reforma, que são os sindicatos de “fachada” e a forma de concessão da carta sindical.

Tem vários sindicatos aí que não existe, a estrutura é uma casa, na casa do cara, é uma faixa, o cara carrega o cheque e os documentos do sindicato tudo dentro da pasta do presidente, ou quando tem muito é dois presidentes e um tesoureiro. Tem uns que só tem um, os outros é tudo laranja. E o camarada às vezes nem trabalha no setor, nunca trabalhou. Apropriador, aproveitador da, das coisas dos outros. Esses sindicatos tudo teriam que acabar, tornaria mais forte. Então falta o contrato coletivo de trabalho. A construção civil ta no Brasil todo, então nos temos uma linha, apesar de ter algumas divergências, mas a gente comunica. O que é bom pra um tem que ser bom para todos, a grande divergência do movimento sindical é na questão da contribuição é exatamente na contribuição sindical e a reforma na forma de atuação dos sindicatos, que é mais sindicatos de gaveta, não faz nada, não defende os trabalhadores (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

Dentre as estratégias de atuação do sindicato para efetivar suas políticas, bem como os espaços que utiliza para agir, encontra-se em parte, a elevação dos níveis de escolaridade e qualificação profissional. Isso acontece por meio da promoção e participação em eventos sobre legislação trabalhista e previdenciária, cursos de capacitação em parceria com a Fundação Centro Nacional de Segurança, Higiene e Medicina do Trabalho - FUNDACENTRO e programas de elevação de escolaridade através da Central única dos Trabalhadores - CUT:

O SINTRACONST ele é filiado à central Sindical, que é a CUT, e a central sindical sempre desenvolve programas de vários níveis, elevação de escolaridade, qualificação profissional e tal. Nas questões mais específicas, por exemplo, [quando] vamos discutir a habitação, a gente faz o seguinte: a gente recebe, a gente ta sabendo que tem um seminário em tal local, ta? Pra discutir habitação, a gente senta e geralmente a gente vê no sindicato o diretor que tem mais afinidade com aquele assunto. Dessa forma a gente implementa várias ações também, às vezes acontecem seminários, congressos com cipeiros no canteiro de obras. [E, além disso,] a gente tem desenvolvido no sindicato, inúmeros cursos, palestras sobre a questão da legislação previdenciária, da legislação trabalhista, legislação de segurança, fazendo com que os trabalhadores eles tenham noção e conhecimento dos seus direitos. (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

Outra estratégia é manter representantes sindicais dentro das empresas, para que eles possam acompanhar as ações do patronato. Esses representantes são escolhidos pela diretoria do sindicato, tem direito à estabilidade no emprego e quatro dias de liberação, conforme a convenção coletiva. Além disso, o SINTRACONST alia-se politicamente com instituições de naturezas diversas e afins, como o Ministério do Trabalho e sindicatos da classe trabalhadora, quando demandam apoio para as suas ações. A articulação com outros sindicatos encontra-se previsto no estatuto (1995), onde consta que o sindicato deve promover em cooperação com outros Sindicatos, Federações, Confederações ou Centrais Sindicais, medidas necessárias à realização dos próprios objetivos e concomitantemente, com as representações internas de trabalhadores, quando houver coincidência de princípios fundamentais.

O sindicato adota como estratégia ainda, a mobilização dos trabalhadores para a participação em ações coletivas, por exemplo, as greves. As greves ocorrem geralmente quando o sindicato não consegue alcançar os objetivos pretendidos por meio da negociação com o patronato, como, a greve de abril de 2008, que paralisou todas as obras do município de Vila Velha para conquistar a participação nos resultados.

A gente geralmente para nas empresas [e] faz o movimento de greve. Isso é uma característica do sindicato da construção civil, é fazer greve, se não quiser negociar, se o patrão não quiser negociar. Nossa luta é transparente, por isso

somos perseguidos, pelo ministério público, são pessoas induzidas pelos patrões por causa disso, as grandes greves que teve hoje no estado foram puxadas pela construção civil, todas. (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

Todas as segundas-feiras, o sindicato realiza um encontro com os trabalhadores, a fim de manter a proximidade. Essas reuniões funcionam como estratégia de politização e socialização da categoria, como mostra o discurso a seguir:

Toda segunda-feira de 18:00 às 20:00 da noite nós temos reunião com a militância, quê que é isso, os trabalhadores saem das obras, e isso há 40 anos, no período da ditadura militar, essa reunião já acontecia, isso é legal, os trabalhadores saem das obras e vem pro sindicato pra poder fazer denúncia dos problemas deles nas obras, a gente faz palestra dinâmica. Então toda segunda-feira a gente tem um público aqui em média de 40 a 60 pessoas, né? Essas reuniões são as que mais ajudam a gente a estar ampliando esses direitos, entendeu? E as reuniões de segunda-feira é o nosso ponto forte entendeu? Pra fazer as necessidades que às vezes a gente conhece, mas não é daquele jeito, então o trabalhador, vindo falando, ajuda mais ainda. E pra nós é uma questão importante o seguinte, nós sempre pautamos a questão de que o trabalhador, ele tenha consciência dos seus direitos (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

O SINTRACONST utiliza ainda, recursos institucionais para viabilizar algumas estratégias, por meio do setor jurídico:

[Na] secretaria jurídica, nós temos a conciliação prévia: os trabalhadores vêm aqui, por exemplo, trabalharam dois meses sem carteira assinada, a empresa não pagou os direitos mínimos, né? Aí o trabalhador vem aqui, traz a demanda dele, eu trabalhei em tal empresa, vai ter um setor que vai atendê-lo e vai chamar pra uma reunião junto com o Sindicon é pra negociar: a empresa não foi e tal; aí a gente vão encaminhar pra uma outra secretaria aqui dentro que aí é a secretaria jurídica a gente vai encaminhar o processo, aí tem o advogado, tem tudo que aí vai direto pra justiça, então são dois processos, porque a gente, é... a nossa legislação desde 2000, é você não pode mais botar processo direto pra justiça, primeiro tem que tentar por conciliação prévia. (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

Os desafios do SINTRACONST, ou seja, os obstáculos e as dificuldades enfrentadas desde 1995 para colocar em prática seus objetivos, bem como as principais estratégias para enfrentá-las, estão presentes no discurso coletivo. A representação política, o estilo de gestão do governo e do sindicato são alguns exemplos. A crise do plano real e do desemprego no governo de Fernando Henrique Cardoso – FHC dificultou a manutenção dos postos de trabalho. Arelado à este fato, o SINTRACONST não obteve êxito no acordo coletivo de 1997/1998, gerando perda de credibilidade do sindicato perante o trabalhador e inviabilizando a mobilização da base. O sindicato sente dificuldade em mobilizar o trabalhador para exercer a participação sindical. Além disso, há dificuldade também em fazer as empresas terceirizadas cumprirem a legislação trabalhista. Outro desafio é a eleição de um dirigente sindical como político nas eleições político-partidárias para representar a categoria.

O cumprimento da convenção coletiva dá muito trabalho pro sindicato, muito trabalho; em 2001 esse sindicato aqui esteve pra fechar as portas, porque a gente não fechou acordo coletivo em 1997/1998, porque que a gente não fechou? Porque as empresas queriam colocar aqui no estado, é, contrato de mão-de-obra, contrato por obra certa. Então a gente não fechou convenção coletiva, e isso foi muito ruim pra gente, porque imagina todas as outras categorias recebendo reajuste, é época de 1997 era aquela crise do plano real, não tinha é... assim, não tinha emprego, tinha uma fila enorme, então assim a rejeição do sindicato da construção civil foi muito grande, naquele período né? A maior dificuldade que a gente tem, [também] da parte do sindicato, é estar alcançando completamente o trabalhador, que às vezes o trabalhador vem e na hora da ação, assim, chama pra uma assembleia pra uma passeata, eles não vêm, entendeu? Vem a metade não vem o suficiente, vem muita gente, mas só que poderia vim mais, e é mais complicado porque se cair num domingo não pode ser de manhã, porque muitos vão pra igreja, no sábado vão pro futebol, aí é complicado, essa é a maior dificuldade, entendeu? [Além disso] acho que um desafio nosso, [e] uma das ações ousadas que nós tivemos foi de querer e que nós vamos conseguir um dia, de eleger um dirigente nosso a parlamentar. Na eleição de 2006, nós destacamos, nós disponibilizamos um dos nossos quadros pra ser candidato a deputado estadual, né? Tivemos dificuldade, foi um desafio (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

As divergências internas no sindicato, como a que ocorreu no final de 1990, provenientes de correntes ideológicas díspares, também são um permanente desafio.

Nós tivemos aí durante o final dos anos 1990 algumas dificuldades, tanto na questão do sindicato por causa das suas brigas internas de correntes, quanto no partido, pós Vitor, e depois veio José Ignácio, com essa desgraça pro ES. Nosso PT ficou desmoralizado, num processo que a gente culpa o Fernando Henrique Cardoso, porque se o Fernando Henrique Cardoso tivesse feito com o Vitor Buaiz o que o Lula fez com o Paulo Hartung, o ES seria muito maior hoje ó, infinitamente maior. Nós pagamos muito caro por isso, porque alguns companheiros nossos do movimento sindical, da articulação sindical, foram pro governo junto com o Vitor Buaiz, principalmente companheiros metalúrgicos. Foi uma galera aí, tudo pro governo do estado. (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

Outros desafios enfrentados pelo SINTRACONST estão ligados ao processo de globalização e ao neoliberalismo, principalmente, em organizar os trabalhadores frente aos agentes capitalistas. Além da dificuldade em manter postos de trabalhos e os empregos, há também dificuldade para obter reajustes salariais. O aumento de empresas terceirizadas e dos níveis de empregos no Estado, associado ao descumprimento da legislação trabalhista e dos acordos coletivos, gera conflitos entre sindicatos e empresas.

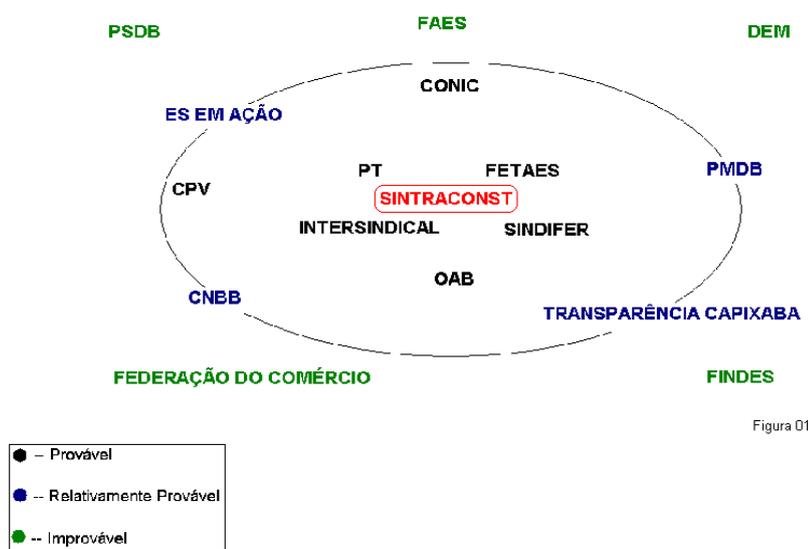
A terceirização de 2007 pra cá foi muito ruim pra construção civil, muito ruim mesmo. Nós temos um problema sério com as terceirizadas, as empresas, hoje, terceirizadas tanto as internas, quanto as que estão vindo de fora, com esse crescimento do Estado, elas vem em condições mínimas, não praticam as questões mínimas de saúde e segurança, de legislação trabalhista, essas coisas, então assim a terceirização é um problema pra gente hoje, tá? O empresariado está procurando a gente, entendendo o tamanho da gente, muitas empresas estão demitindo em massa, outras empreiteiras de várias prefeituras por aí, quebrando, as prefeituras que trocaram de prefeito, quebrando. [Outro problema] é que hoje o sindicato, está da porta das empresas pra fora, você não tem acesso a nada de dentro das empresas, por exemplo, é o que falei do caso da participação dos lucros e do resultado, eu nunca como sindicato sei que o fulano lucrou ou não (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

O potencial e as limitações do SINTRACONST para a produção de coalizões políticas, as afinidades e disparidades em relação às diferentes instituições da sociedade civil capixaba para estabelecer acordos em torno de um objetivo comum, também é um tema que nos interessa. No que diz respeito ao potencial do sindicato para a produção de coalizões políticas, ou seja, parceria para apoiar ações ou projetos políticos de governo para o Espírito Santo, o SINTRACONST aponta em seu discurso que se aliaria com instituições de esquerda e pertencente à classe trabalhadora. Dentre as instituições apontadas pelos entrevistadores, o SINTRACONST se dispõe a estabelecer alianças prioritariamente com o Partido dos Trabalhadores - PT, o Partido do Movimento Democrático – PMDB, o Sindicato dos Ferroviários – SINDFER, o Sindicato dos Portuários de Vitória – INTERSINDICAL, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura – FETAES, o Conselho Popular de Vitória – CPV, o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Subregional) – CNBB, e a Ordem dos Advogados do Brasil Regional – OAB.

No caso de uma parceria para apoiar ações ou projetos políticos para diminuir as desigualdades sociais no Espírito Santo, há semelhança com o quadro exposto anteriormente, sendo que nesse caso, há maior ênfase para alianças com a CNBB. Possíveis parcerias também podem ocorrer em situações que não interferem em questões políticas e ideológicas, por exemplo, caso ocorra um problema de abastecimento de água, escassez de alimento no estado e de ações para minimizar a violência. Grande parte dos entrevistados declara que o SINTRACONST se aliaria a todas as instituições, deixando de lado as questões políticas e ideológicas. Entretanto, um sujeito do sindicato destaca que, nesse caso, deve ser levado em conta a relação que o SINTRACONST possui com as instituições em questão e os interesses que estão por trás das alianças.

O sindicato demonstra indisposição quando se depara com tendências e práticas políticas opostas aos seus objetivos. As instituições patronais e os partidos de direita não possuem afinidades políticas com o sindicato, portanto, a possibilidade de parceria ou aliança é praticamente inexistente. Ao indagarmos sobre qual partido o SINTRACONST jamais faria parceria, o Partido dos Democratas – DEM é o partido citado pela maioria dos entrevistados. Há ainda, grande resistência ao Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB. Parcerias com as instituições patronais, como

a Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo – FINDES, a Federação dos Agricultores do Espírito Santo – FAES e a Federação do Comércio, são possibilidades prováveis de parceria, dependendo da conjuntura do momento. As ONG’s Transparência Capixaba e Espírito Santo em Ação aparecem com a mesma tendência anterior. A Figura 01, a seguir, ilustra as possibilidades e limitações para alianças com as instituições da sociedade civil capixaba apontadas na pesquisa.



**Gráfico 1 – SINTRACONST versus Instituições/Organizações segundo o grau de articulação possível de ser estabelecido**

#### **1.4.4 Princípios que Pautam as Práticas do SINTRACONST e a Conduta de seus Membros**

Os princípios que pautam as práticas do sindicato, que qualificam o quão democrático são os processos de tomada de decisão e o grau de contato e participação das bases na construção dos objetivos e estratégias de atuação do sindicato, são descritos a seguir. O Conselho Deliberativo é composto pela Diretoria Executiva, que realiza reuniões ordinárias mensalmente e extraordinária, sempre que houver necessidade. Desse modo, os beneficiários participam pouco do processo de tomada de decisões, uma vez que nessas reuniões são debatidos assuntos exclusivos da diretoria, bem como assuntos administrativos e estratégicos, internos do sindicato. Os assuntos discutidos na direção são levados para a base,

para que esta também possa contribuir com a construção dos objetivos. Além das Assembléias realizadas periodicamente, as quais geralmente ocorrem nas obras, os trabalhadores também são consultados nas reuniões que ocorre toda segunda-feira, citadas anteriormente:

Qualquer decisão que vamos tomar nós passamos para os trabalhadores. Acho que somos o sindicato mais democrático que tem, o que vamos fazer consultamos os trabalhadores. Toda segunda-feira de 18:00 às 20:00 da noite nós temos reunião com a militância. A gente faz assembléia com os trabalhadores; a gente vai lá e faz reunião com os trabalhadores, oh nós somos do sindicato queremos saber quais são os problemas. Todo dia tem assembléia. O nosso sindicato ele tem característica própria, aqui não é apenas a figura do presidente. O presidente sozinho não faria nada se não tivesse os demais dirigentes. [E] todas as ações nossas, é discutido na direção, nós temos uma direção executiva, uma direção de base, que todas as ações defendidas que vão ser encaminhadas para os trabalhadores, ou seja, pra base, primeiro é discutido na direção. Então nisso os trabalhadores eles participam de todas essas ações ou por contato, ou por telefone, sempre de uma forma ou outra ele está dando a sua contribuição. Esse é o ponto forte do sindicato aqui, aqui nós não tem ditador [sic], são sete executivos com o mesmo poder que o presidente, sete com o presidente, mesmo poder, e ninguém faz uma ação sem haver uma reunião pra discutir, tudo é no coletivo (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

Cabe ainda, às assembléias, deliberar assuntos de diversas ordens, por exemplo, alterações no estatuto, redistribuição de cargos, perda de mandato, filiações a outras entidades, mudanças orçamentárias, reingresso ao quadro de associados e formalização da pauta de reivindicações a ser encaminhada ao empregador (Estatuto, 1995).

Além de estratégia de politização e socialização da categoria, as reuniões de segunda-feira também funcionam como um canal de consulta e como instrumento de participação dos associados no sindicato. Nessas reuniões, o trabalhador dá a sua opinião sobre um determinado assunto ou chama atenção para alguma irregularidade e injustiça que esteja sofrendo, é o momento que o trabalhador tem voz. O sindicato mantém canais tradicionais de participação, por exemplo, para o associado ser votado, ou seja, concorrer a uma eleição, ele tem que ser filiado no mínimo há seis meses.

[Para concorrer às eleições] pra ser votado, ele tem que ter no mínimo seis meses na categoria e associado ao sindicato, isso é regra estatutária e não tem como mudar (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

Já os princípios e os valores que guiam a conduta dos associados do SINTRACONST, presentes em seu discurso nota-se que há mecanismos mínimos para que se explicita a conduta ética desejável, descritos no estatuto. O primeiro critério refere-se à adesão ao sindicato. Para se filiar ao sindicato é necessário ser trabalhador da categoria, ou seja, ser trabalhador da construção civil em atividade (Estatuto, 1995). No que se refere à desfiliação, o sindicato possui critérios para exclusão. No caso de desfiliação por parte do associado, este deve redigir uma carta ao sindicato expondo os motivos. É excluído também, o associado que mudar de categoria e estado. Há ainda outros critérios de exclusão, como o associado que deixar de pagar a mensalidade por três meses sem justificativa, ter um comportamento de desacato à diretoria ou à assembléia geral, tomar qualquer decisão que comprometa a categoria da qual pertence, bem como dilapidar o patrimônio moral, material e social atingindo nocivamente à entidade, à comunidade e violando o estatuto (Estatuto, 1995). O sistema de comunicação do sindicato é composto por um *site*, um jornal quinzenal e carro de som, para disseminar as informações para os trabalhadores.

No discurso do sindicato pode-se verificar que o conceito de corrupção é definido de maneira informal e prática, dando exemplos e alegando que o sindicato não é um meio de enriquecimento de seus membros, como mostra o discurso a seguir:

A questão da corrupção, e aí pro sindicato é muito bom discutir, a gente escuta muito: ah, que o dirigente tal mora num palácio. Os nossos dirigentes aqui da executiva, eles tem salário fixo, ta? O nosso estatuto não permite que o dirigente sindical receba mais do que dois salários do maior salário da base, entendeu? Então isso também deixa o cara muito com o pé no chão, ninguém está no sindicato pra ficar milionário, ta? (DSC entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

Já a improbidade administrativa, ou seja, aquela conduta antiética que fere ou se distancia dos padrões morais admitidos por um código de conduta, empregada para

definir toda e qualquer violação ética no trato da coisa pública (MATIAS, 2008), também é um assunto presente nas entrevistas. De acordo com o discurso do sindicato, este possui mecanismos de transparência e há regularidade na prestação de contas. O Conselho Fiscal é responsável pela fiscalização e gestão financeira do sindicato, examinam as contas e se reúnem ordinariamente mensalmente. Caso a diretoria não convoque assembléia para prestação de contas, cabe ao Conselho Fiscal a convocação para análise do balanço anual financeiro patrimonial (Estatuto, 1995). Em caso de malversação de recursos, o sindicato possui mecanismos de punição interna previstos no Estatuto. Segundo o Estatuto (1995), o dirigente é afastado do sindicato em caso de malversação ou dilapidação do patrimônio social:

Olha não tivemos na história desse sindicato conhecimento dessa questão... Agora se sendo constatado e comprovado, né? De qualquer dirigente com esse desvio de conduta, pode ter certeza as ações elas serão feitas com base no estatuto da entidade como poderá também culminar na própria expulsão de qualquer um, porque nós temos histórias aqui que o nome da entidade ela tem que estar a cima de tudo; por mal comportamento de quem quer que seja, então a gente briga muito por isso, e as ações que tiverem relacionadas dessa forma, elas serão tomadas com muito rigor de acordo com o estatuto da entidade. (DSC: entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e abril de 2009).

### **1.5 Considerações Finais**

Diante dos resultados apresentados é possível fazer uma leitura do discurso coletivo do SINTRACONST no Espírito Santo, contribuindo para compreendermos como este sujeito coletivo se insere ou não na construção democrática no Estado. Os discursos permitem identificar em parte a identidade do SINTRACONST revelada no discurso coletivo. Para o sindicato, há princípios éticos-morais que o regem, bem como a atuação de seus membros. O sindicato tem atuado com o objetivo de defender e conquistar benefícios para a categoria, melhorando as condições de vida e de trabalho. O sindicato possui uma política voltada para promoção de espaços que permitam a participação do trabalhador.

Cotanda (2008) declara que os sindicatos em geral, praticamente não dão importância a outros segmentos de trabalhadores e às distinções de gênero. No discurso do SINTRACONST este fato não se encontra presente, pois o sindicato alega que não se limita apenas à categoria a qual defende, mas a classe

trabalhadora em geral, passando a ser um ator envolvido em vários pólos de discussões, principalmente em assuntos relacionados ao mundo do trabalho.

Para colocar as políticas em prática, bem como atingir os objetivos, o SINTRACONST revela em seu discurso diversas estratégias de atuação, sendo a principal, o movimento de greve utilizado para alcançar êxito nas reivindicações. Além disso, o sindicato promove encontros periódicos com a categoria, como estratégia de politização e socialização, para tentar fazer o trabalhador adquirir consciência de seus direitos e desse modo mobilizar-se junto ao sindicato na construção dos objetivos, assim como na conquista destes.

Colbari (2003) aponta que a aproximação do sindicato com a base pode ocorrer por intermédio da promoção de eventos, atividades esportivas e de lazer, de valorização da subjetividade do trabalhador, o que se revela presente no discurso do SINTRACONST, assim como, nas ações voltadas para a mobilização do trabalhador. O SINTRACONST promove cursos de qualificação profissional, mobilizando as noções de participação e de cidadania ativa, como mencionam Colbari (2003) e Cotanda (2009), ao destacar a qualificação profissional como um instrumento de mobilização do trabalhador de caráter politicamente pedagógico.

Os desafios do SINTRACONST, presentes em seu discurso, revelam ao mesmo tempo as dificuldades de sua atuação, como o cumprimento dos acordos coletivos e da legislação trabalhista pela empresas terceirizadas. Estes corroboram com as citações de Mazei (2009), Antunes (2003) e Colbari (2003), ao dizer que a larga incorporação da terceirização e da adoção de trabalhadores temporários, implicou em aumento da instabilidade do trabalhador, que no setor da construção civil, provocou efeitos devastadores, uma vez que este setor foi atingido pela terceirização onde muitos trabalhadores não têm carteira assinada.

Pode-se concluir que o SINTRACONST passou por dois momentos importantes em sua trajetória recente. Um primeiro momento negativo ao enfrentar uma crise no final de 1990, devido à conjuntura nacional, a qual colaborou para que boa parte das empresas de construção civil entrasse em processo de falência eliminando empregos e levando o sindicato a quase fechar as suas portas, fatos esses destacados na literatura. E um segundo momento positivo, com a mudança do cenário político e econômico no estado do Espírito Santo, assim como a transição do

governo FHC para Lula, aspectos conjunturais que não podem ser desconsiderados na dinâmica e história de vida desse sindicato. Em seu discurso observa-se que este sindicato encontra-se com um alto índice de sindicalização, participação da categoria nas ações do sindicato, obtendo êxito em grande parte de suas reivindicações. No entanto, vale ressaltar que isso se deve em parte, ao crescimento do setor da construção civil, no Espírito Santo. As alianças e articulações do SINTRACONST com as instituições citadas nas entrevistas revelam possibilidades de parceria com o Partido dos Trabalhadores – PT aparecendo declaradamente na formação política do SINTRACONST. Entretanto, não se observa no discurso deste sujeito coletivo, muita interferência nas decisões do governo do estado.

## Referências

- ANTUNES, Ricardo L. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- COLBARI, Antônia. Qualificação Profissional e Empregabilidade: Novos Desafios ao Sindicalismo no Espírito Santo. In. RODRIGUES, Iran Jácome (org). **O Novo Sindicalismo: vinte anos depois**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- COLBARI, Antônia. **Rumos do Movimento Sindical no Espírito Santo**. Vitória: Edufes, Florecultura, 2003.
- COTANDA, Fernando Coutinho. **Os Sindicatos Brasileiros em Face das Inovações Tecnológicas e Organizacionais**. Dados [online]. 2008, vol.51, n.3, p. 617-646.
- DAGNINO, E; OLIVERA, A. J.; PANFICHI, A. (Orgs.). **A disputa pela construção democrática na América Latina**. São Paulo: Paz e Terra. Campinas-SP: Unicamp, 2006.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE AMC. **Discurso do sujeito Coletivo**. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa. 2 ed. Caxias do Sul: EDUCS, Desdobramentos, 2005, p. 13 – 35.
- LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti; SIMIONI, Alexandre A. C.; FERRAZ, Maria Teresa M. A. **Acessando o Discurso do Sujeito Coletivo e o Software Qualiquantisoft: Manual**. São Paulo: IPDSC, 2007.
- MATIAS-PEREIRA, José. **Curso de Administração Pública: foco nas instituições e ações governamentais**. São Paulo: Atlas, 2008.
- MAZEI, Arnaldo. As relações de trabalho em uma empresa global: um novo paradigma ou neocorporativismo? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14., 2009, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Disponível em <[http://starline.dnsalias.com:8080/sbs/arquivos/15\\_6\\_2009\\_15\\_23\\_18.pdf](http://starline.dnsalias.com:8080/sbs/arquivos/15_6_2009_15_23_18.pdf)>. Acesso em 5 de outubro de 2009.
- RAMALHO, J. R. **Precarização do trabalho e impasses da organização coletiva no Brasil**. Neoliberalismo, trabalho e sindicatos: reestruturação produtiva no Brasil e na Inglaterra. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997, p. 85-113.
- RODRIGUES, Iran Jácome. A trajetória do Novo Sindicalismo. In RODRIGUES, Iran Jácome (org). **O Novo Sindicalismo: vinte anos depois**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- SINTRACONST. **Estatuto do Sindicato dos Trabalhadores na indústria da Construção Civil, Montagem, Estrada, Ponte, Pavimentação e Terraplanagem**, 1995.
- ZORZAL E SILVA, Marta. Dilemas e Perplexidades do Modelo. In VASCONCELLOS, J G. (Org.). **Memórias do Desenvolvimento**, Vitória: Multiplicidade, 2004, pg. 59-84.